

Editorial

Abrimos a **Alceu** 24 com dois artigos dedicados ao jornalismo. O primeiro, que tem como autor Hailin Ning, da Universidade de Zhejiang – China, sustenta que as imagens do noticiário, encaradas como se fossem um texto, costumam reproduzir o poder, as ideologias e muitos “mitos” sociais. O segundo, assinado por Rejane Oliveira Pozobon e Clarissa Mazon Miranda, apresenta um protocolo de análise para a classificação de fontes jornalísticas em mídia impressa.

Consumo e entretenimento, McLuhan e criação são os temas dos três artigos subsequentes. Everardo Rocha, Carla Barros e Karine Karam procuram explorar os limites que podem ser alcançados por certas atividades de entretenimento, particularmente as que se destinam ao consumo de luxo. Adriana Braga, ainda no bojo das justas homenagens aos 100 anos de nascimento de Marshal McLuhan, apresenta e discute alguns conceitos e aforismos célebres da obra do comunicólogo canadense. Cassia Chaffin apresenta a *perdição criadora* como sendo o resultado do enfrentamento do caos e do desconhecido, um processo que parte do conceito de pulsão de morte e cujo entendimento envolve noções de psicanálise, física e teoria da informação.

Em seguida, publicamos quatro textos sobre cinema. Márcia Carvalho analisa a função expressiva do corpo em relação à organização do espaço e o tratamento empregado pela câmera no filme *O deserto vermelho* (1964) de Michelangelo Antonioni. Marcelo Bulhões comenta a adaptação cinematográfica de *As ligações perigosas*, romance do século XVIII, de Choderlos de Laclos, realizada por Stephen Frears. Sheila Schvarzman investiga as representações, o uso e as adaptações de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, no cinema brasileiro. Gustavo Souza discute a questão da autoria no cinema de periferia, a partir da observação das metodologias de trabalho de algumas oficinas e dos discursos dos realizadores que alicerçam tais métodos de realização, assim como as composições visuais, sonoras e enunciativas que tais filmes apresentam.

Na sequência publicamos dois textos que se referem à arte e cidade, tradição e contemporaneidade. Sebastião Geraldo e Renato Márcio Martins de Campos

fazem uma reflexão teórica sobre as manifestações culturais populares em Ribeirão Preto, com enfoque à Folia de Reis, tradicional manifestação popular da região. Manoel Silvestre Friques analisa as intervenções urbanas do graffiti e da pixação a partir de três perspectivas: o gesto do grafiteiro e a *action painting* dos expressionistas abstratos, as *tags* e o efeito-cinema produzido pelos murais encontrados em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

Os quatro próximos ensaios têm como principal objeto as relações entre comunicação e política. Cezar Migliorin e Ednei de Genaro indicam a existência de uma nostalgia das centralidades que legitimam, julgam e hierarquizam comunidades, indivíduos e estéticas. Em oposição a isso os autores pensam as construções em rede e a política como a possibilidade do “um qualquer” fazer diferença na comunidade. Fabio Fonseca de Castro, tomando a Amazônia como exemplo, discute os conflitos de interesse presentes nas relações de afiliação, dos grupos locais, às grandes redes de comunicação nacionais. Antonio Teixeira de Barros e Cristiane Brum Bernardes abordam as questões que envolvem a identidade e a programação das principais TVs públicas federais no Brasil. Completamos esse bloco de textos e fechamos este número com o artigo assinado por Carlo José Napolitano, que nos adverte sobre a desregulamentação do setor de comunicação social no Brasil. Apesar da exigência constitucional, até os dias de hoje, mais de 20 anos após a promulgação do seu texto, o Congresso Nacional ainda não regulamentou todas as regras constitucionais para o setor. E, como se isso não bastasse, algumas regras relacionadas à comunicação social produzidas antes e depois de outubro de 1988 foram expurgadas do sistema jurídico brasileiro, via decisões do Supremo Tribunal Federal.

Boa leitura e boas ideias!

Fernando Sá